AS CONTRIBUIÇÕES DOS CONTOS DE FADAS PARA A APRENDIZAGEM NOS ANOS INICIAIS

ALESSANDRA BIZACO

RESUMO

A contação de história trata-se de uma prática antiga, utilizada para comunicação e propagação da cultura social, política e educacional dos homens, ao longo dos séculos. Essa prática, adotada como estratégia de ensino, especialmente na infância, quando o indivíduo está em desenvolvimento das habilidades humanas fundamentais, utilizando a imaginação para relacionar ao que aprende, a contação de histórias caracteriza-se como uma importante ferramenta para o processo de alfabetização, considerando a possibilidade do trabalho com diferentes gêneros, como os contos de fadas, que permitem relacionar fantasia à realidade. Diante desta realidade, este estudo objetivou identificar as contribuições da contação de histórias à alfabetização na fase da infância. A relevância do estudo justifica-se na necessidade de valorização da literatura na alfabetização, situação que depende de professores que adotem a contação de histórias como prática educativa. A metodologia adotada foi a pesquisa bibliográfica.

Palavras-chave: Contação de histórias; Alfabetização; Contos de Fadas.

ABSTRACT

Storytelling is an ancient practice, used for communication and propagation of the social, political and educational culture of men, over the centuries. This practice, adopted as a teaching strategy, especially in childhood, when the individual is developing fundamental human skills, using imagination to relate to what he learns, storytelling is characterized as an important tool for the literacy process, considering the possibility of working with different genres, such as fairy tales, which allow relating fantasy to reality. Faced with this reality, this study aimed to identify the contributions of storytelling to literacy in childhood. The relevance of the study is justified by the need to value literature in literacy, a situation that depends on teachers who adopt storytelling as an educational practice. The adopted methodology was bibliographical research.

Keywords: Storytelling; Literacy; Fairy tale.

INTRODUÇÃO

Este estudo buscou relacionar as contribuições da contação de histórias ao processo da alfabetização, considerando a importância de uma prática lúdica, dinâmica e significativa para a construção do conhecimento, especialmente na fase da infância. As habilidades desenvolvidas a partir desta prática devem estar evidentes aos docentes, a partir de um planejamento para apresentar as histórias de maneira mágica e criativa.

A contação de histórias pode ocorrer a partir da adoção de diferentes gêneros, como os contos de fadas que apresentam algumas características fundamentais para o desenvolvimento da imaginação e criatividade, como a presença do elemento mágico, possibilitando mudanças aos personagens ou objetos, que conduz a resolução do conflito (COELHO, 2009).

Durante a infância, a aprendizagem pode acontecer de maneira prazerosa, especialmente quando as estratégias de ensino envolvem a prática da leitura, permitindo a efetivação do processo de alfabetização. Os contos de fadas estimulam a imaginação e direcionam à formação do estudante em sujeito criativo, crítico, capaz de enfrentar seus medos e emoções ao associar a vitória do herói à sua realização pessoal, além de permitir que o estudante esteja mais aberto à comunicação e socialização entre familiares, colegas e o ambiente escolar (FERREIRA, 2007).

Diante desta realidade, este estudo objetivou identificar as contribuições da contação de histórias à alfabetização na fase da infância. Como objetivos específicos, estão: estabelecer as características da contação de histórias; relacionar os contos de fadas ao desenvolvimento das habilidades infantis; identificar as possibilidades de adoção da contação de histórias como prática pedagógica.

A relevância do estudo justifica-se na necessidade de valorização da literatura na alfabetização, situação que depende de professores que adotem a contação de histórias como prática educativa e que gostem de contar histórias, narrando de uma forma que possibilite o envolvimento das estudantes, despertando a imaginação e desmistificando a ideia de que as histórias são um momento de distração para as estudantes a fim de entretenimento na sala de aula.

A pesquisa foi elaborada com um estudo de cunho bibliográfico que possibilitou a compreensão dos métodos que podem aprimorar a prática educadora nos anos iniciais do Ensino Fundamental com base na literatura. Para o referencial teórico transcorrer de forma organizada, fácil e lógica para leitura a organização do estudo foi realizada por meio de fichamento, leitura de livros e textos periódicos pesquisados.

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

A contação de histórias caracteriza-se como uma prática importante, que auxilia na formação da personalidade do estudante, permitindo assimilações dos temas da história com sua realidade, interpretando maneiras de superar os obstáculos e conquistarem aquilo que desejam devido às atitudes escolhidas (FARIA, FLAVIANO E GUIMARÃES, 2017).

Na contação de histórias, durante o desenrolar da trama, o estudante é levado a identificar-se com o personagem principal e passa a viver a história, tentando buscar respostas antes do final do conto que geralmente são simples, mas impactantes à sua realidade (ROSSONI, 2013).

As crenças tratadas nos diferentes gêneros adotados para a contação de histórias produzem um efeito fundamental no funcionamento e desenvolvimento humano, desde as relações psicológicas às fisiológicas, podendo auxiliar na superação das dificuldades encontradas na vida adulta (SOUZA, 2014).

Para Vasconcelos (2017), ao imaginar um futuro pelo olhar otimista interpretado pelas narrações, o estudante é incentivado a desenvolver mais rapidamente suas funções de um modo geral, direcionando à busca pela solução de suas dificuldades. A valorização do comportamento e da determinação deve ser abordada em consonância com a literatura dos diferentes gêneros escolhidos para o trabalho em sala de aula.

O estudante faz a transposição da narração para sua realidade e suas funções elaboram uma resposta às adversidades da vida por meio da repetição das histórias ouvidas, encontrando nos textos autonomia, autoconfiança e práticas positivas, que refletem no coletivo. Esse fator explica a insistência das estudantes por ouvirem as mesmas histórias sempre, pedindo aos familiares que repitam as histórias sem alterar nenhuma passagem, de modo a criar uma referência usada para sua compreensão e elaboração de respostas às angústias ainda não resolvidas.

A repetição ainda proporciona ao estudante um processo de confirmação que será superado quando alcançar a solução para seu problema e, neste momento, ela deixa de insistir em uma determinada história, buscando novas narrações que respondam às suas expectativas (LIMA E ROSA, 2012).

O estímulo dos pais e professores, ao realizarem a contação de histórias, facilita aos estudantes a exposição de suas angústias e ansiedades, compartilhando os sentimentos em conversas para interpretação das histórias. Quando uma contação fascina o estudante que passa a repetir seus acontecimentos, as histórias passam a representar uma experimentação indireta, pois os personagens vivem finais que o estudante ainda está em busca com apoio na narrativa.

Rodrigues (2009) chama atenção para o fato de que haverá efeito da contação de histórias nas decisões das estudantes quando as atividades realizadas por elas não sofrerem julgamentos ou censura, pois o objetivo de uma contação não é ensinar como decidir sobre uma situação que aflige sua vida, mas oferecer meios para que as estudantes expressem suas dificuldades emocionais de uma maneira protegida.

A contação de histórias proporciona a busca por novos caminhos e articulações da vida cotidiana, trazendo significado às histórias de acordo com a necessidade do leitor. A literatura infantil fantasiosa disfarça a realidade social, cultural e política da humanidade nos personagens e enredo.

As estudantes desenvolvem sua identidade e autonomia quando se relacionam intimamente aos processos de socialização no meio que estão inseridas. Esta interação social ocorre devido à ampliação dos laços afetivos que as estudantes estabelecem com os adultos, auxiliando no reconhecimento das diferenças entre as pessoas, as classes e as condições de vida, incentivando a valorização do aproveitamento de sua realidade pelo enriquecimento de seus conhecimentos culturais, políticos e sociais (SOUZA E COSSON, 2018).

Sendo assim, a contação de histórias proporciona a identificação de respostas para as ansiedades infantis dentro das diversidades encontradas no mundo, permitindo subsídios capazes de sustentar uma vida adulta de determinação e envolvimento com a realidade. Quando este período de fantasia é interrompido, o estudante passa a encontrar mais dificuldade em encontrar soluções aos conflitos. A contação de histórias inicia na vida infantil um processo de autoconhecimento para identificar as possibilidades de cada sujeito em superar as dificuldades.

Quando o estudante é oportunizado lidar com as diferentes realidades a partir da contação de histórias, a ampliação do conhecimento sobre as necessidades de superar obstáculos reais surge, estimulando a criatividade, além de favorecer o gosto pela leitura desde muito cedo, afinal, a história é uma maneira de deixar a mente sempre pronta para trabalhar nas situações adversas, encontradas no cotidiano.

A contação de histórias, portanto, trata-se de uma importante ferramenta para o processo de ensino-aprendizagem, pois permite a construção da identidade infantil e o desenvolvimento de habilidades sociais, culturais e comportamentais. Como a literatura é a maneira mais fácil de estimular a consciência crítica do leitor.

Para Oliveira (2010), o contador de histórias precisa ter consciência que sua atitude influencia no significado da leitura aos estudantes. Quando o estudante ouve uma histó-

ria, ela é convidada a participar da narrativa e compartilhar com o leitor as sensações do personagem, possibilitando uma identificação de suas reais sensações e aflições. A leitura é o momento ideal de organizar os pensamentos do estudante, ampliando seu repertório de conhecimentos.

Sendo assim, algumas lacunas existentes no processo de ensino-aprendizagem infantil podem ser preenchidas com a contação de histórias, oportunizando abordar a necessidade da formação de um cidadão crítico e participativo, possíveis com o redimensionamento dos conhecimentos aplicados, principalmente nas salas de aula, momento das descobertas sobre a realidade para colaborar com a elaboração de uma sociedade menos individualista e conflitante acerca das possíveis melhoras.

CONTOS DE FADAS E A FORMAÇÃO DO LEITOR

Os contos de fadas são, em sua grande maioria, o primeiro contato das estudantes com a leitura, seja pelo incentivo dos pais, seja na leitura oral realizada pelos professores nas escolas. Os textos literários atingem o público infantil devido à valorização dada pela mídia na produção de filmes, desenhos sobre reinos mágicos, histórias em quadrinhos, entre outros.

A estrutura e o conteúdo dos contos de fadas provocam um envolvimento significativo ao leitor infantil, assim como a identificação com os personagens e tramas da história. Esse processo de identificação acontece por meio dos contos de fadas, que proporcionam ao estudante caminhos de atribuição de significado para sua própria realidade.

Os contos de fadas abordam temas relacionados às necessidades pessoais que o estudante precisa driblar, relacionando a leitura de maneira inconsciente, de modo a compreender a forma como as lutas íntimas podem ser superadas a partir da interpretação das histórias fantasiosas, oferecendo amadurecimento com exemplos que envolvem uma situação de alívio temporário ou permanente, de acordo com a dificuldade encontrada (FERREIRA, 2007).

Dentro da escola, os contos de fadas devem assumir um papel de formação leitora na proporção literária, independente do gênero. Inicialmente, os textos de ficção propostos para os anos iniciais do Ensino Fundamental que auxiliam na continuidade do interesse pela leitura e produções textuais.

Para Costa (2013) os contos de fadas são dignos de uma exploração em sala de aula para que ocorra um acréscimo ao significado psicológico do estudante, pois a narração incentiva o leitor e o ouvinte a encararem a literatura como uma arte, que transmite valores determinados, influenciando nas atitudes éticas a fim de melhorar a convivência entre as pessoas, principalmente em sua fase inicial, ou seja, no momento escolar.

A magia dos contos de fadas deixou de ser algo exclusivo aos estudantes para ajudar nas realizações pessoais dos adultos. Histórias que podem parecer infantis são, na verdade, uma introdução ao conhecimento histórico de povos, carregando uma herança oculta nos sentidos essenciais para a vida humana. O significado real dos contos de fadas só pode ser percebido quando o encantamento é experimentado pela forma original das histórias (ROSSONI, 2013).

Sendo assim, as leituras realizadas nas salas de aula devem ser planejadas pelos professores de modo que o estudante não seja apresentado aos contos de qualquer jeito, escolhendo qualquer volume para leitura, ou seja, deve existir uma intenção didática no processo, realizando as leituras conforme as realidades de aprendizagem do estudante (VASCONCELOS, 2017).

O momento da contação de histórias deve ser previamente elaborado pelo professor, levando-se em conta o público ao qual se destina aquela leitura e o ambiente onde vai ser realizada a ação, exigindo as práticas didáticas corretas. Previamente, o professor deve se apropriar do tema do conto para realizar a leitura oral, eliminando riscos e imprevistos em sala de aula em relação ao desconhecimento do tema (SOUZA, 2014).

O processo de leitura deve ser cuidadosamente despertado nas estudantes de modo que ocorra desde muito cedo, exigindo que o leitor encare a literatura como uma arte fundamental para seu desenvolvimento.

Para Costa (2013), o leitor infantil interessado tem possibilidades maiores de tornar-se um adulto leitor, com habilidades críticas e uma criatividade mais perceptível do que um sujeito que não lê. O pensamento fica mais rápido para desvendar soluções às situações-problemas do cotidiano, permitindo que a leitura do mundo preceda a leitura das palavras, adquirindo um ato contínuo de interesse por variados gêneros literários.

Os contos de fadas ultrapassam os tempos civis e transformam a estudante leitora interessada por aventuras, mistérios e romances, de modo a viver mais intensamente diante das situações (OLIVEIRA, 2010).

A escola é o lugar que chega mais próximo ao nascimento de um sujeito que pratica a leitura por prazer e não apenas obrigação. O conto de fadas, por sua vez, pode ser a porta de entrada para este despertar, conhecendo o mundo por meio da fantasia e ampliando, posteriormente, a diversos gêneros literários.

CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E A ALFABETIZAÇÃO

A ação de contar histórias faz parte da realidade escolar há muitos anos. Os professores praticam este processo, mas ainda existe o desconhecimento da importância que a contação de histórias tem na missão de educar, alfabetizar e formar para a vida.

Os contos de fadas para a prática pedagógica são fundamentais para que o professor identifique o melhor momento de audição das narrações, percebendo como as histórias podem auxiliar no desenvolvimento individual e coletivo dos alunos, dentro do ambiente escolar e nas relações de socialização em espaços diversificados (FARIA, FLAVIÁNO E GUIMARÃES, 2017).

Os contos de fadas auxiliam o processo de alfabetização, introduzindo a leitura de maneira divertida e curiosa. Porém, é importante que a prática da leitura seja desenvolvida nas salas de aula quando os professores estiverem preparados para entender como ocorre o processo de ensino-aprendizagem nas estudantes, devido ao papel fundamental que o professor exerce na vida do aluno, pois o contato diário reflete em uma confiança e uma ligação entre docente e discente (FERREIRA, 2007).

Ao utilizar a literatura infantil durante o processo de aprendizagem, o professor permite que o estudante invente e improvise situações fascinantes e significativas Estes processo pode ser realizado pelos trabalhos em grupos, debates, leitura crítica de jornais, dramatização de histórias, entre outros, desde que as situações possibilitem ao aluno a percepção de que podem se tornar um sujeito atuante e livre, que sente prazer na leitura, valorizando a participar de todos os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem (LIMA E ROSA, 2012).

A contação de histórias representa um instrumento de alfabetização adotado pelos professores, que vem adquirindo espaço nas escolas, especialmente nos anos iniciais do Ensino Fundamental, representando uma prática educativa que reflete em resultados positivos, desafiadores e perceptíveis, favorecendo a ampliação do vocabulário, conhecimento, interpretação, criatividade, senso crítico, além de incentivar a leitura e escrita, situações que direcionam à alfabetização significativa (FARIA, FLAVIANO E GUIMARÃES, 2017).

A contação de histórias adotada como prática pedagógica deve estimular o interesse e participação do estudante, ampliando a qualidade do processo de alfabetização, a partir da adoção de estratégias docentes que atribuam ênfase às características que precisam de destaque, como a personalidade de alguém ou os detalhes de um cenário. Sendo assim, além do professor assumir o papel de contador de histórias, as narrações podem ser realizadas por outras pessoas, como familiares convidados à participação na escola, permitindo dinâmica ao processo, chamando atenção dos estudantes.

Para atribuir à contação de histórias a caracterização de prática pedagógica fundamental ao processo de alfabetização, ainda é importante que o espaço de narração seja construído para estimular a imaginação da turma, ou seja, uma história com animais pode conter figuras de bichos de estimação das estudantes no ambiente, por exemplo. O professor ainda pode contar histórias em espaços diferentes da sala de aula, como biblioteca, parques, pátio, entre outras oportunidades, oferecendo objetos e caracterizações que permitam a construção da imagem da história.

De acordo com Rossoni (2013), a contação de história não se inicia, necessariamente, nos livros, estando no momento exato para ser narrada. Por mais simples e acessível que a linguagem escrita seja, ainda exige uma adaptação verbal para facilitar a compreensão, tornando-a mais dinâmica e mais comunicativa. A escolha por qual história será contada em sala de aula é extremamente importante para que o professor possa envolver os alunos na ação de contar histórias, principalmente no desenvolvimento do interesse do estudante.

De acordo com Ferreira (2007), a contação de histórias deve acontecer em diferentes momentos da aula, com propostas variadas, não sendo limitada à simples leitura de um conto, mas evidenciando as relações entre narração e realidade, personagens e experiências. A contação precisa ser adotada como estratégia docente para o desenvolvimento das habilidades infantis.

Ao inserir a contação de histórias na rotina das estudantes em fase de alfabetização, o professor deve estar atento para a abordagem, de modo que a narração não perca seu encanto, ou seja, a admiração e expectativa das estudantes pelo momento da contação, e precisa ser mantido, a fim de que o interesse esteja presente nas aulas. Porém, não pode ser minimizado a raros encontros entre contador e ouvinte, cabendo ao docente a narração em surpresa, agendada, a partir de uma situação cotidiana, entre outras possibilidades (FARIA, FLAVIANO E GUIMARÃES, 2017).

Lima e Rosa (2012) sugerem, para a contação de história como instrumento de facilitação do processo de alfabetização, que o professor faça rodas de conversa, quando a prática estiver programada, ou seja, indicar aos estudantes qual será o momento da contação e preparar os estudantes.

Outra maneira de realizar a abordagem é a partir de uma investigação sobre

as vivências do estudante, como perguntas que direcionam a contar acerca dos familiares, passeios, dificuldades e, assim, elaborar histórias para incluir diferentes realidades na narrativa (ROSSONI, 2013).

As possibilidades de inserção da contação de histórias como possibilidade de efetivação do processo de alfabetização são inúmeras, cabendo sempre ao docente a consciência da necessidade de elaborar estratégias para transformar a contação em aprendizagem significativa, sendo fundamental conhecer as particularidades de uma história para a devida ênfase. Mesmo quando a história for criada, o cenário e personagens devem ser pensados previamente, sem imprevistos, a fim de que a construção da história seja plena, com início, desenvolvimento e finalização (FARIA, FLAVIANO E GUIMARÃES, 2017).

A contação de histórias como prática pedagógica do processo de alfabetização sugere que o trabalho com contos, fábulas e demais gêneros ocorra a partir da narração estruturada previamente, a fim de que as estudantes construam os cenários, personagens e espaços, tornando viva a imaginação infantil e proporcionando autonomia às estudantes pela dinâmica entre o encantamento, a imaginação, a criatividade e a realidade da experimentação.

Neste contexto, a contação de histórias como prática pedagógica reflete a importância de integrar a literatura em diferentes momentos de aprendizagem, ampliando as possibilidades de uma alfabetização consolidada, dimensionando as intenções curriculares em estratégias voltadas ao desenvolvimento de habilidades variadas, ampliação do vocabulário, socialização, criação, entre outros elementos.

Após a contação de histórias, o estudante pode ser direcionada a realização de diferentes atividades como desenho de observação, colagem, leitura de imagens, produção de cenários e apresentações que finaliza as discussões e avalia a aprendizagem das estudantes, situação que despertam o interesse pela aprendizagem da leitura e escrita (MATEUS, 2014).

De acordo com Coelho (2009) a contação de histórias depende de um espaço estimulante, que pode ser dividido em programado e livre. Nas situações programadas, a sala de aula proporciona uma assimilação de informações e conhecimento ao estudante. Nos espaços livres, a narração simboliza um laboratório de criatividade, a partir de espaços de experimentação em que as habilidades das estudantes são estimuladas. Ao professor, cabe a necessidade de atenção ao momento de reorganização dos espaços, atendendo as expectativas e interesses da turma.

Portanto, as narrações realizadas nas salas de aula devem ser planejadas pelos professores de modo que o estudante não seja apresentado aos contos de qualquer jeito, escolhendo qualquer volume para leitura, ou seja, deve existir uma intenção didática no processo, realizando narrativas de histórias conforme as realidades de aprendizagem do estudante.

A contação de histórias como prática do processo de alfabetização é fundamental para o desenvolvimento infantil, contribuindo com a estruturação das linguagens oral e escrita, escolhidas para expressar sentimentos e aprimorar habilidades durante as narrações. As histórias permitem desenvolver as percepções sobre tempo, cor, espaço e transformação do cotidiano, caracterizando-se como uma prática relevante para o desenvolvimento do equilíbrio emocional do estudante, (COELHO, 2009).

Diante desta realidade, durante a narração das histórias, as estudantes podem ser convidadas a identificar a natureza ao redor, observando os aspectos que formam os espaços frequentados na escola e fora dela. Os estudantes devem ser direcionados ao conhecimento de diferentes formas, cores e posições, estabelecendo os estágios de transformação do estudante, reconhecendo desde espaços, estruturas, cenários, personagens e linguagens, por exemplo.

Coelho (2009) chama atenção para o fato de que nem todas as histórias estão prontas nos livros, esperando a leitura e, mesmo que assim estejam, são necessários alguns ajustes, conforme as idades dos estudantes. Por mais simples que seja a linguagem utilizada nas histórias, exige uma adaptação verbal para a fácil compreensão, pois algumas faixas-etárias já apresentam o vocabulário mais amplo que outras. A escolha pelo texto a ser narrado é fundamental para que o professor consiga envolver os alunos durante a narração, desenvolvendo o interesse e permitindo que o estudante entenda o que está escutando.

Sendo assim, quando for narrar uma história, o professor precisa transmitir uma emoção verdadeira, convencendo o estudante de que aquele é um texto interessante. Uma história extensa, com palavras difíceis para a faixa etária do estudante cria um aspecto negativo, desestimulando a atenção.

Além do interesse, a entonação da voz do narrador e sua animação, permite que o estudante esteja cada vez mais curiosa para saber qual o final do conto. Enfatizar as ações dos heróis com alegria na voz, tal como frisar a maldade do vilão na aspereza da voz também são métodos que variam as expectativas do ouvinte, levando-o a criação de toda a história em sua mente, gerando entusiasmo e interesse na narração (COELHO, 2009).

O professor, no papel de contador de histórias, deve estar atento para não utilizar

a primeira história que encontrar e narrar sem conhecer seus aspectos, personagens e moralidade. O professor deve demonstrar afinidade com o conto que escolheu para apresentar às estudantes, de modo a destacar as palavras novas e enfatizar os momentos importantes da história, além de evitar errar a pronúncia do nome dos personagens ou demonstrar desconhecimento acerca de lugares, precisando ter a capacidade de construir as frases do conto de modo harmônico, fazendo pausas que permitem a construção da imaginação infantil

Coelho (2009) ainda ressalta que o contador de histórias precisa questionar os ouvintes para a participação e interesse pelas narrações, prática que pode iniciar desde a capa do livro, quando a estratégia incluir a leitura, com perguntas sobre o título, quais as expectativas, chamar atenção para as cores, imagens e contextos, entre outras possibilidades. Caso a história seja contada sem o auxílio de um livro, o narrador precisa realizar paradas estratégicas, perguntando os significados de palavras novas, enriquecendo os detalhes dos personagens e cenários.

Souza (2014) chama atenção para a importância de reconhecer as características da narrativa, utilizando-a como proposta de aprendizagem, conforme os objetivos da aula, podendo variar de acordo com as necessidades do professor e dos estudantes. A leitura não dispensa o aprender, sendo uma aliada do processo de ensino-aprendizagem, favorecendo desde o vocabulário até o conhecimento de culturas e fatores históricos.

A contação de histórias estimula a imaginação, especialmente das estudantes, que conseguem criar cenários a partir das especificidades, evidenciando a importância de uma narração enfática e rica de detalhes. Deste modo, além de desenvolver as habilidades esperadas para a aprendizagem escolar, o estudante aprimora sua personalidade, compreende regras de convivência, interpreta, consegue realizar julgamentos entre certo e errado, entre outras possibilidades (MATEUS, 2014).

Diante desta realidade, a contação de histórias representa uma abordagem significativa às estudantes, além da prática do entretenimento, permitindo aprendizagem e desenvolvimento de habilidades, refletindo na participação, socialização e melhorias no desempenho escolar, situações que favorecem a formação de futuros leitores, sendo fundamental quando utilizada como uma prática pedagógica docente que compõem o processo de alfabetização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a realização deste trabalho observou-se que a humanidade está envolvida no mundo das histórias desde o início da vida, pois desde estudante, os seres humanos são levados a ouvir e contar histórias importantes que apresentam significados para a cultura, as tradições familiares e o contexto social do indivíduo.

A elaboração desta pesquisa permitiu compreender a necessidade de relacionar as teorias à prática de ensino em sala de aula, a fim de transformar o processo de alfabetização em uma prática dinâmica, lúdica e significativa. A ausência de conhecimentos teóricos pode refletir de forma negativa no desenvolvimento das atividades pedagógicas, interrompendo o interesse dos estudantes por aprender a leitura e escrita de maneira prazerosa, proporcionando ferramentas essenciais para sua formação.

Neste contexto, a contação de histórias representa uma importante estratégia na aprendizagem das estudantes, especialmente durante o processo de alfabetização, proporcionando à leitura novas interpretações, de modo que o estudante aprenda a construir significados à narração, inserindo em sua realidade situações de imaginação e fantasia, cabendo ao professor um papel fundamental como contador de histórias, enfatizando as passagens do texto para trabalhar questões conceituais, como o resgate cultural, o respeito ao próximo, entre outras possibilidades.

Após a realização deste estudo, observou-se que os contos de fadas são um dos gêneros mais conhecidos pelo público infantil devido, fundamental ao processo de alfabetização, considerando a proximidade à realidade das estudantes, permitindo o desenvolvimento da autonomia para praticar a leitura ou escutar uma história em qualquer lugar, sem depender de outra pessoa para realizar a narração dos contos.

O professor contador de histórias deve estar em constante avaliação de suas práticas educativas, encontrando meios diferenciados para aprender a ensinar, ou seja, os saberes docentes para uma prática significativa não são aprendidos apenas na formação acadêmica, mas em experiências, complementando com a troca de conhecimento com os colegas e os próprios alunos.

Quando o contador de histórias acredita que a formação inicial é a única maneira de sustentar e inovar as práticas educacionais, as atividades, métodos e estratégias tornam-se insuficientes para que o aprender significativo, deixando de explorar e oportunizar momentos de aprendizagem que interessem o estudante, limitando-a à memorização e aprendizagem mecânica, sem que ocorra uma estruturação contextualizada dos conceitos.

REFERÊNCIAS

COELHO, B. Contar Histórias Uma Arte Sem Idade. 20ª ed. São Paulo. Ática, 2009.

COSTA, M. M. Metodologia do ensino da literatura infantil. Curitiba: 1ª ed. Intersaberes, 2013.

FARIA, I. G.; FLAVIANO, S. L. L.; GUIMARÃES, M. S. B. A influência da contação de histórias nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Revista Mediação, v. 12, n. 1, 2017. Disponível em: <http:// revistas.utfpr.edu.br/recit.pdf>. Acesso em 06/07/2023.

FERREIRA, A. Contar histórias com arte e ensinar brincando: para as séries iniciais do ensino fundamental. 2ª ed. Rio de Janeiro: Wak, 2007.

LIMA, R.; ROSA, L. O uso das fábulas no ensino fundamental para o desenvolvimento da linguagem oral e escrita. CIPPUS - Revista de Iniciação Científica do Unilasalle, v. 1, n. 1, maio, 2012. Disponível em: <http://www.revistas.unilasalle.edu.br/publicacoes.pdf>. Acesso em 18/07/2023.

MATEUS, A. N. B. A importância da contação de história como prática educativa na educação. Pontifícia Universidade Católica – PUC, 2014. Disponível em: <http://200.229.32.43/index.php/pedagogiacao/article/view/8477>. Acesso em: 10/07/2023.

OLIVEIRA, Z. M. Infância: fundamentos e métodos. São Paulo: 5ª ed. Cortez, 2010.

ROSSONI, J. C. A contação de histórias como possibilidade educativa: análise de dissertações e teses produzidas no contexto brasileiro. Dissertação de Mestrado – Unilasalle, 2013. Disponível em: <http://www.repositorio.unilasalles.edu.br>. Acesso em: 06/07/2023.

RODRIGUES, E. T. Cultura, arte e contação de histórias. Goiânia, 2009.

SOUZA, R. J. Caminhos para a formação do leitor. São Paulo: 11ª ed. Difusão Cultural do Livro, 2014.

SOUZA, R J.; COSSON, R. O cantinho da leitura como prática de letramento literário, Revista Educar, v. 34, n. 72, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602018000600095>. Acesso em: 10/07/2023.

VASCONCELOS, R. A. C. Contação de Histórias na perspectiva de professoras contadoras: possibilidades de atuação. Dissertação de Mestrado, 2017. Disponível em: < https://repositorio.ucs.br/xmlui/bitstream/handle/11338/3755>. Acesso em 19/07/2023.